

UMA AVALIAÇÃO DAS CONJUNÇÕES ADVERSATIVAS EM TEXTOS DISSERTATIVOS-ARGUMENTATIVOS DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Maria Eduarda de Araújo Freire ¹
Maria Dulce Marques Ferreira ²
Clara Regina Rodrigues de Souza ³

RESUMO

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) exige a produção de um texto dissertativo-argumentativo, um gênero específico que vai além do conceito tradicional de dissertação, restrito ao ambiente escolar, cuja construção depende de estratégias coesivas, como o uso de conjunções, uma vez que essa habilidade é avaliada na competência IV. Sob esse viés, este artigo analisa o uso de conjunções adversativas em redações dissertativo-argumentativas de alunos do ensino médio, destacando sua importância para a coesão e o sequenciamento textual. A fundamentação teórica respalda-se em autores como: Bezerra e Reinaldo (2020), que discutem a relação entre a Análise Linguística (doravante AL) e a prática de escrita; Koch (2017), focando nos aspectos fundamentais da construção de textos; Sautchuk (2004), que aborda práticas morfossintáticas, e Rocha Lima (2012), que fornece uma perspectiva sobre a gramática do texto, com ênfase no uso de conjunções adversativas, entre outros. A metodologia adota uma abordagem qualitativa, examinando 30 redações produzidas em oficinas voltadas ao ENEM no campus IV da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Os resultados mostram que o repertório de conjunções adversativas dos alunos é limitado e frequentemente inadequado, embora alguns casos demonstrem uso eficaz, promovendo coesão e clareza. Conclui-se que o ensino funcional das conjunções é essencial para aprimorar a escrita dos estudantes, especialmente em exames como o ENEM.

Palavras-chave: Análise linguística, Ensino médio, Redação, Conjunções adversativas.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa analisa a importância das conjunções adversativas na produção de textos dissertativo-argumentativos, destacando seu papel na coesão e progressão textual. No contexto do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), a redação exige mais do que a exposição de ideias, demandando a defesa de um ponto de vista por meio de argumentos bem estruturados. Segundo a Cartilha do Participante (2024, p. 19), esse gênero textual combina explicação e persuasão para convencer o leitor. No entanto,

¹ Graduanda em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, eduardafreire115@gmail.com;

² Graduanda em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, maria.dulce@aluno.uepb.edu.br;

³ Doutorada em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, clararegina@servidor.uepb.edu.br.



muitos alunos enfrentam dificuldades ao organizar seus argumentos e frequentemente se limitam a reproduzir os textos motivadores oferecidos na prova, o que compromete a autenticidade e a eficácia argumentativa.

A estrutura do texto dissertativo-argumentativo requer progressão lógica entre as ideias, sendo essencial a utilização de elementos coesivos. Alencar e Faria (2011, p. 145) ressaltam que a coerência textual depende da centração, que mantém o foco no tema central, e da organicidade, que organiza os tópicos de forma interdependente. As conjunções adversativas, nesse contexto, desempenham um papel crucial ao estabelecer contrastes e conexões entre os argumentos, garantindo a continuidade argumentativa. Assim, compreender seu uso adequado contribui significativamente para a construção de um texto mais lúcido, estruturado e concludente dentro das exigências do ENEM.

Sob esse viés, esta pesquisa tem como objetivo central compreender como estudantes do 3º ano da Escola Agrotécnica do Cajueiro utilizam as conjunções adversativas em seus textos dissertativos para promover a coesão e o sequenciamento textual, essenciais para a construção de uma argumentação eficaz, especialmente no contexto do ENEM. Como objetivos específicos, buscaremos discutir as relações de sentido existentes entre as conjunções adversativas utilizadas e a oração a que pertencem e, conseqüentemente, observar se o emprego dessas conjunções é adequado ao momento em que estão sendo utilizadas na oração; avaliar as possibilidades intencionais do estudante ao empregar tal conjunção em determinada estrutura.

A justificativa para o estudo reside na importância de se compreender o uso das conjunções adversativas, dado seu papel na construção da coesão e progressão textual. Ao analisar os padrões de uso e dificuldades comuns, a pesquisa fornecerá subsídios para melhorar o ensino de redação na escola e ajudar os estudantes a se destacarem em exames como o ENEM, fortalecendo suas habilidades argumentativas e de comunicação escrita.

A fundamentação teórica inclui conceitos de textualidade, apresentados por Koch (2004, 2010, 2011, 2017), focando nos aspectos fundamentais da construção de textos. A pesquisa também se apoia em Sautchuk (2004), que aborda práticas morfossintáticas, e Bezerra e Reinaldo (2020), que discutem a relação entre a Análise Linguística (doravante AL) e a prática de escrita. Além disso, Rocha Lima (2012)



fornece uma perspectiva sobre a gramática do texto, com ênfase no uso de conjunções categóricas adversativas.

Além dessa introdução, nosso artigo se divide em outras três seções. Em um primeiro momento, contextualizaremos sobre as conjunções adversativas e o processo de argumentação; em seguida, analisaremos as redações quanto ao uso dessas conjunções. Por fim, discutiremos os resultados com a proposição de avaliar as possibilidades intencionais do discente ao empregar tal conjunção em determinada estrutura.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com a perspectiva normativa, as palavras da nossa língua dividem-se em dez classes, a saber: substantivos, adjetivos, verbos, pronomes, advérbios, artigos, numerais, conjunções, preposições e interjeições. Essa classificação não considera hierarquias ao que respeita os critérios: mórfico, semântico e funcional.

Diferentemente da maioria das gramáticas normativas, Sautchuk (2004) enfatiza que os vocábulos devem ser classificados de acordo com três critérios formais:

As palavras existentes em qualquer língua são agrupadas em várias classes, conforme a semelhança de formas que apresentam, ou, para alguns autores, conforme o tipo de funções que podem desempenhar ou, ainda, conforme o sentido que podem expressar (2004, p. 11).

Estes critérios abordados incluem os parâmetros morfológico, semântico e sintático. Sob essa ótica, o primeiro princípio de análise limita-se apenas à estrutura de uma palavra, mostrando quais são as transformações formais que os vocábulos podem sofrer. O segundo critério de classificação diz respeito ao significado que um determinado vocábulo carrega e tal significado faz parte dos conhecimentos que temos sobre o mundo. O último critério, o funcional, vai além da forma dos vocábulos e explora a função que eles desempenham dentro de uma sentença. Dessa forma, os três critérios são necessários no processo de classificação, uma vez que, por meio deles, é possível obter informações completas sobre um vocábulo.

Um dos conceitos centrais discutidos por Sautchuk (2004) é a hierarquia morfossintática, a qual a autora destaca que:



Há um princípio linguístico universal que afirma “nada na língua funciona sozinho”. Para que todas essas unidades linguísticas a que nos referimos passem efetivamente a exercer qualquer função significativa ou comunicativa é necessário sempre que se organizem ao menos em duas unidades (2004, p. 7).

Assim, toda unidade linguística opera em interdependência com outras. Esta relação denomina-se de hierarquia morfossintática, onde as palavras se organizam em diferentes níveis linguísticos. A hierarquia começa com os morfemas – as menores unidades de significado, como prefixos, sufixos ou radicais – que se combinam para formar palavras, que, por sua vez, são organizadas em frases, que formam orações. Cada nível dessa hierarquia desempenha papéis correlacionados.

Sendo assim, a autora destaca que a hierarquia na combinação das palavras é essencial para garantir a coerência na comunicação. A construção de significado depende não apenas das palavras isoladas, mas também de como elas se combinam de acordo com regras morfológicas e sintáticas. Ela faz uma distinção entre sistemas aberto e fechado: o sistema aberto inclui classes de palavras como substantivos, verbos e adjetivos, que têm a capacidade de se expandir, formando um inventário aberto.

Em contraste, o sistema fechado é composto por palavras cujo número é fixo e limitado. De acordo com Sautchuk (2004, p. 5), estas palavras desempenham funções gramaticais essenciais, mas não carregam um significado pleno por si só, sendo responsáveis por conectar e estruturar os elementos na frase, ou seja, os gramemas existem apenas no mundo gramatical. A critério de exemplificação, temos as preposições, conjunções, pronomes e artigos, são também chamados de morfemas gramaticais ou gramemas. Por esse motivo, a seção seguinte dá conta de discutir sobre as conjunções, classe de palavras que exerce função de elemento coesivo e sequencial.

2.1 Entendendo as Conjunções Adversativas na Língua Portuguesa

Koch (2017), em sua obra *Ler e compreender: os sentidos do texto*, ao tratar da sequenciação textual, aborda as conjunções dentro de um conjunto de conectivos que chama de "encadeamento por conexão". Segundo a autora, as conjunções não exercem essa função de conexão isoladamente, pois "contempla-se, aqui, não apenas as conjunções propriamente ditas (registradas em nossas gramáticas tradicionais), mas



também locuções conjuntivas, prepositivas e adverbiais que têm por função interconectar enunciados" (Koch, 2017, p. 169).

A conjunção é uma palavra que conecta orações e estabelece relações entre elas, sendo que "as relações que as conjunções estabelecem são um dos fatores para que um texto seja coerente e coeso, e não uma sequência de palavras ou frases sem sentido" (Cereja; Magalhães, 2002, p. 221). Além disso, as conjunções também ligam termos semelhantes ou pertencentes à mesma classe gramatical dentro de uma mesma oração.

Para Rocha Lima (2012, p. 185), as adversativas "relacionam pensamentos contrastantes". Acrescenta ainda que "há outras palavras com força adversativa, tais como: porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, que acentuam, não propriamente um contraste de idéias, mas uma espécie de concessão atenuada". Dessa forma, as adversativas relacionam pensamentos contrastantes. Por mais impreciso que seja, nesse caso, o termo pensamento, o autor atribui às conjunções a função de relacioná-los, deixando claro que os pensamentos já são em si contrastantes.

Essas contribuições teóricas sobre coesão e estrutura morfossintática são aprofundadas no campo da Análise Linguística (AL), que amplia o estudo da língua para além das normas gramaticais e regras prescritivas, focando-se em seu uso efetivo em contextos reais de comunicação. A AL busca integrar os aspectos gramaticais às práticas discursivas e semióticas, alinhando-se, assim, às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Diante disso, discute-se o papel da Análise Linguística como um eixo fundamental para o desenvolvimento de habilidades reflexivas e comunicativas dos estudantes.

2.2 Análise Linguística: um caminho de estudo da gramática nos textos

O eixo de ensino de análise linguística (AL) se alterou, passando a compartilhar com outros recursos semióticos (alteração vista desde o nome do eixo: análise linguística / semiótica), portanto, pressupondo seus usos em situações comunicativas reais e, conseqüentemente, seu estudo. De acordo com a BNCC:

[os] conhecimentos sobre a língua, as demais semioses e a norma-padrão não devem ser tomados como uma lista de conteúdos dissociados das práticas de linguagem, mas como propiciadores de reflexão a respeito do funcionamento da língua no contexto dessas práticas (Brasil, 2017, p. 137).



Assim, nota-se que os conhecimentos linguísticos não devem ser ensinados e/ou estudados separados de atividades práticas para seu reconhecimento, mas como uma espécie de “mão dupla” que insere os alunos em contextos reais de uso, perpassando da gramática ao seu funcionamento, de modo, a demonstrar seus usos mais eficientes. Logo, a *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC) no eixo que se refere a Análise Linguística/Semiótica que auxilia os docentes na produção de atividades que desenvolvam essas habilidades na sala de aula e façam que os alunos reconheçam esses princípios, como também das regras para o funcionamento da língua(gem).

Como afirmam Bezerra e Reinaldo (2020), a análise linguística é concebida como reflexão sobre recursos linguístico-textual-enunciativos, tanto em relação à compreensão e produção de textos orais e escritos, quanto em relação à descrição do sistema da língua. Diante disso, pode-se ressaltar que a AL é uma teoria e caminho da linguagem que desencadeia-se da interpretação de textos, ou seja, do próprio conhecimento gramatical, mas que vai além dessa gramática tradicional, fazendo perceber-se seu funcionamento. Logo, aplicando em conjunto a gramática tradicional à gramática funcional, como aponta Regina: “os sentidos da linguagem, para além dos limites da gramática: nos textos em contexto” (Regina, no prelo).

Desse modo, a prática da AL nas escolas devem ser calcadas a essa reflexão dos textos, desses contextos de produção. Entender que o aluno necessita compreender a utilidade dos conhecimentos linguísticos em sua produção textual e as complexidades que giram em torno dessa indagação, isto é, partindo de teorias às práticas em sala de aula buscando um ensino conciso, como Bezerra e Reinaldo (2020) apontam em seu livro *Análise Linguística: afinal a que se refere?*

2.3 Argumentação: fator crucial para a produção textual

No discurso, a argumentação constrói-se por meio de relações que estão presentes na própria estrutura semântica da língua. Ao produzir um discurso, a língua é usada não só com o objetivo de transmitir mensagens, mas principalmente de provocar ações e interações. A interação social realizada por intermédio da língua caracteriza-se pela argumentatividade. O uso da linguagem é essencialmente argumentativo: pretendemos orientar os enunciados que produzimos no sentido de determinadas



conclusões (com exclusões de outras). Em outras palavras, procuramos dotar nossos enunciados de determinada força argumentativa (Koch, 2010, p. 29).

Saber argumentar é essencial nas mais variadas situações. Argumentar significa, por meio da linguagem, orientar sentidos e conclusões, defendendo um ponto de vista a respeito de dado assunto, baseado em argumentos. Segundo Koch (2011, p. 11), o termo argumentar é tido como o ato de persuadir, pois, por meio da argumentação, procura-se “atingir a vontade do outro”, imprimindo sua subjetividade, seus sentimentos, levando o interlocutor a aceitar determinada conduta ou pensamento.

O ato de argumentar, ou seja, de orientar o discurso no sentido de determinada conclusão, requer do autor capacidade de reflexão de modo crítico a respeito do mundo que o cerca, utilizando a língua como um instrumento de interação social; bem como aptidão no uso da gramática de sua língua para construir um texto. Saber o que é um texto e, assim, aprender a estruturá-lo é essencial para apresentar, de forma coerente, as ideias e os argumentos na defesa de uma tese/opinião. A seguir, apresentaremos os processos metodológicos que sustentam nossa pesquisa.

3 METODOLOGIA

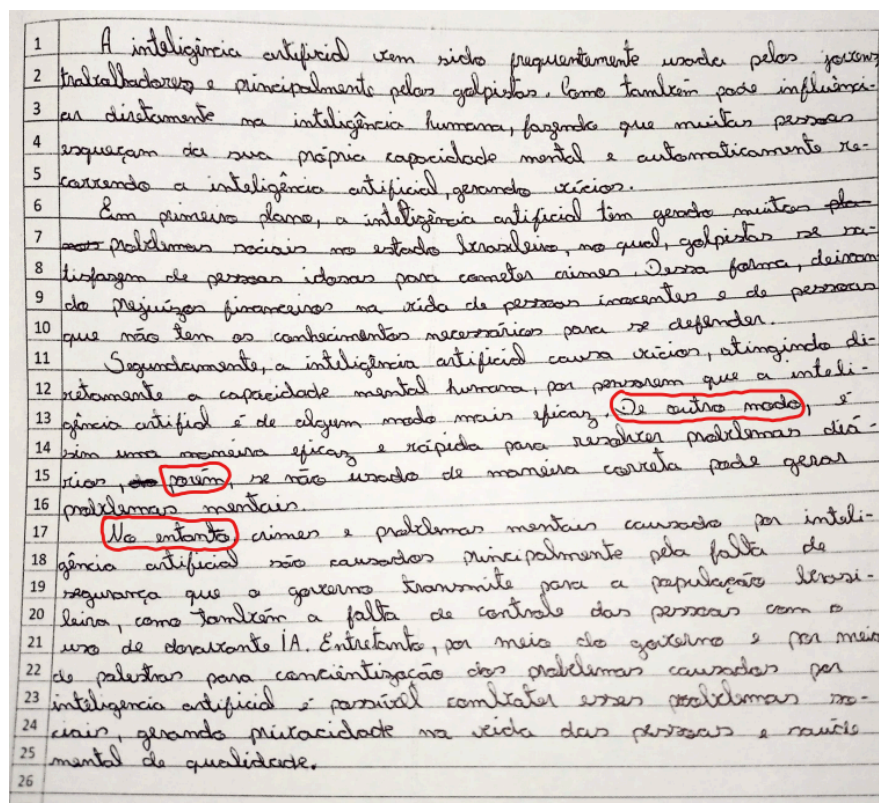
Para a elaboração do estudo, foi utilizada uma abordagem qualitativa de pesquisa, compreendendo e especificando o uso das conjunções adversativas na produção textual de alunos da *Oficinas de dissertação para o ENEM: um caminho de leitura crítico-social e (re)escrita*, projeto de extensão da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/Campus IV). O *corpus* do trabalho foi produzido com as atividades propostas durante o projeto, no mês de outubro de 2024. Para este estudo, escolhemos 30 produções textuais com a temática: *A responsabilidade ética no desenvolvimento de inteligência artificial: direitos e deveres*, enumeradas de 1 a 30 e transcritas de modo fiel à grafia dos alunos concluintes. Após a escolha das redações, foi feita a sistematização dos dados e, posteriormente, algumas análises. O trabalho partiu da observação das dificuldades existentes em relação ao uso das conjunções adversativas. A partir do entendimento dos processos metodológicos, seguiremos para a análise dos dados obtidos.



4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesse segmento, analisamos os dados obtidos, na Imagem 1 veremos uma das produções textuais produzidas ao longo das oficinas.

Imagem 1: Redação produzida.



Fonte: Dados coletados, 2024.

Na redação, nota-se o uso de conjunções adversativas, como **porém**, **no entanto** e **entretanto**, que cumprem o papel de estabelecer contraposição entre ideias. Contudo, sua distribuição ao longo do texto não favorece a progressão argumentativa, resultando em certa repetição e previsibilidade na estruturação dos parágrafos.

Destaca-se que, no terceiro parágrafo, a conjunção adversativa **porém** é utilizada em uma estrutura na qual a oposição poderia ser melhor articulada, pois a frase subsequente não explicita de maneira lúcida a relação entre a eficiência da inteligência artificial e seus possíveis impactos negativos. No último parágrafo, as conjunções **no entanto** e **entretanto** aparecem em sequência próxima, comprometendo a variedade lexical e a fluidez textual.



No terceiro parágrafo, observa-se ainda o uso da expressão **de outro modo** com a intenção de introduzir uma contraposição. No entanto, a construção seguinte não estabelece uma oposição clara, o que pode gerar ambiguidades na interpretação. Recomenda-se reformular essa passagem para garantir maior precisão argumentativa.

Nessa perspectiva, as conjunções adversativas encontradas nas 30 redações analisadas podem ser agrupadas nos seguintes tipos de ocorrências:

Tabela 1: Conjunções adversativas presentes nas produções textuais.

Conjunções Adversativas	Ocorrências	%
Mas	13	34,2
Entretanto	11	29
No entanto	8	21
Todavia	3	7,9
Porém	2	5,3
Contudo	1	2,6

Fonte: Elaboração Própria, 2024.

Ao analisar a Tabela 1, percebemos que as redações escolhidas revelam pouca variedade no uso das conjunções adversativas, em média, por redação, encontramos 1,26 conjunções, o que se revela insuficiente para amarrar as sequências textuais e dificultoso para o fator argumentativo. Observamos que a conjunção adversativa mais utilizada foi **mas**, totalizando 34,2% das ocorrências. Em seguida, **entretanto** aparece com 29%, seguido por **no entanto** com 21%. As conjunções **todavia**, **porém** e **contudo** tiveram menor frequência, com 7,9%, 5,3% e 2,6%, respectivamente.

A maior dificuldade no emprego das conjunções adversativas se apresentou na argumentação das redações. O uso inadequado dessas palavras ocorre de maneira recorrente, como pode-se observar na produção abaixo:

Exemplo 1: *No entanto, crimes e problemas mentais causados por inteligência artificial são causados principalmente pela falta de segurança que o governo transmite para a população brasileira, como também a falta de controle das pessoas com o uso de doravante IA.* (Redação número 11).



O seguinte fragmento evidencia uma inadequação no uso de conjunções, pois o aluno utiliza **no entanto** para introduzir a frase sem estabelecer claramente uma contradição com a ideia anterior. Para melhor adequação ao contexto, poderia-se substituir essa conjunção por um termo explicativo, como **dessa forma**, garantindo maior coerência textual.

Por outro lado, em alguns casos, o uso de conjunções foi realizado de maneira satisfatória, como no exemplo a seguir:

Exemplo 2: [...] *acabam sendo influenciados por narrativas e cedendo a pressão dos criminosos, forçando-os a depositarem altas quantias de dinheiro acreditando serem pessoas do seu círculo familiar que estejam precisando, **mas** na verdade não passam de um programa de computador.* (Redação número 14).

Neste exemplo, observa-se o uso adequado da conjunção adversativa **mas**, pois o estudante pretende introduzir um contraste entre a crença dos indivíduos enganados e a realidade da fraude. Diferente do caso anterior, aqui o uso desse vocábulo reforça a progressão argumentativa e contribui para a clareza do texto.

Ademais, outras conjunções também foram utilizadas ao longo das redações, como se pode observar:

Exemplo 3: ***De outro modo**, é sim uma maneira eficaz e rápida para resolver problemas diários, **porém**, se não usado de maneira correta pode gerar problemas mentais.* (Redação número 11).

No exemplo acima, a conjunção **de outro modo** foi empregada de maneira imprecisa, uma vez que essa expressão indica uma alternativa ou variação, e não uma relação de adversidade. O ideal seria utilizar **no entanto** ou **entretanto** para melhor estabelecer a ideia de contraposição.

Outro exemplo de uso preciso de conjunções é o excerto a seguir:

Exemplo 4: *Na obra “O Horizonte”, do escritor James Hilton, retrata uma sociedade perfeita e em harmonia, a qual é livre de preconceitos e mazelas. **Todavia**, fora da ficção, a realidade contemporânea está distante disso, os desafios e responsabilidades ética no desenvolvimento de inteligência artificial no Brasil. Por certo, a negligência governamental e o comodismo civil, são fatores que influenciam este quadro.* (Redação número 25).



Nesse caso, o uso da conjunção **todavia** está correto, pois introduz uma oposição entre a idealização da obra literária e a realidade social. Essa escolha contribui para a fluidez textual e reforça a argumentação. Para aprimorar ainda mais a coesão, o uso de conectivos como **contudo** ou **entretanto** também seria uma opção possível.

Em síntese, a análise das redações evidencia que o uso de conjunções adversativas pode ser melhorado tanto no que diz respeito à sua adequação ao contexto quanto à sua escolha para garantir a progressão argumentativa. A aprendizagem de mecanismos linguísticos que favorecem a coesão é essencial para aprimorar a qualidade textual dos estudantes.

Sob essa ótica, foi possível observar que muitos alunos não apresentam um leque variado de conjunções em seu repertório discursivo, o que compromete a riqueza argumentativa e a coesão textual. Além disso, o uso inadequado ou repetitivo de algumas conjunções sugere que os alunos precisam desenvolver maior domínio sobre o papel dessas palavras na construção textual.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi exposto, conclui-se que a coesão textual é um elemento chave para a eficácia argumentativa. Este trabalho revela que há ainda muitos estudantes que possuem dificuldades na seleção e na aplicação adequada dessas conjunções, que comprometem a fluidez e estrutura textual, conforme foi observado nas análises. A escolha limitada e o uso inadequado das conjunções, nesse caso, adversativas, sobretudo na introdução e conclusão dos textos dissertativos-argumentativos, demonstram a necessidade de um reforço pedagógico voltado à funcionalidade e ao uso adequado dessas palavras.

Este estudo não se encerra por aqui. Esperamos que temáticas como esta sejam mais abordadas nos ambientes acadêmicos, para a contribuição significativa do aprimoramento das habilidades de escrita dos alunos. Estruturas bem fundamentadas promovem um texto mais fluido, coeso e organizado, aspectos que são fundamentais para uma argumentação consistente, sobretudo em avaliações como o ENEM, onde o uso das conjunções fazem parte das competências exigidas.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Maria Auxiliadora; REINALDO, Maria Augusta. **Análise linguística: afinal, a que se refere?** Recife: Pipa Comunicação, 2. ed., 2020.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **A Redação do Enem 2024:** cartilha do participante. Brasília, 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum:** educação é a base. Secretaria Executiva/Secretaria de Educação Básica/CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Brasília : MEC, 2017.

CASTILHO, Ataliba Teixeira. de. **Pequena gramática do português brasileiro /** Ataliba T. de Castilho, Vanda Maria Elias, 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Orações relativas apositivas desgarradas no português em uso. In: BISPO, Edvaldo Balduino; OLIVEIRA, Mariângela Rios. (Orgs.). **Orações relativas no português brasileiro:** diferentes perspectivas. Niterói: Editora da UFF, 2014, p.158-189.

KOCH, Ingedore Villaça. **A Inter-Ação pela Linguagem.** 10. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e linguagem.** 13. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender:** os sentidos do texto. In: Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias. 3. ed., 12. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

LIMA, Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa.** 50. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

MARTIN, James Robert; ROSE, David. **Working with discourse – Meaning beyond the clause.** London and New York: Continuum, 2007 [2003].

SAUTCHUK, Inez. **Prática de morfossintaxe:** como e por que aprender análise (morfo) sintática. São Paulo: Manole, 2004.

